

Prática pedagógica no ensino de Geografia : o trabalho de campo no entorno.

3-Educación y enseñanza de la geografía

VERCEZI, Jaqueline Telma¹; HASSAKA, Helena Tochico²

1 - UEM. 2 - FAFJAN.

A Geografia é uma ciência que busca decodificar as imagens presentes no cotidiano, impressas e expressas nas paisagens e em suas representações, numa reflexão direta e imediata sobre o espaço geográfico e o lugar. Nessa abrangência contribui para que se compreenda como se estabelecem as relações locais com as universais, como o contexto mais próximo contém e está contido em um contexto mais amplo e quais as possibilidades e implicações que essas dimensões possuem.

A realidade nesse início de século tem se transformado numa velocidade nunca antes experimentada. Pode-se afirmar que vivemos um período de tempo acelerado e a rapidez das mudanças imprimem uma dinâmica igualmente célere.

O meio técnico-científico informacional adquiriu um papel fundamental e, em meio ao processo de globalização e massificação, o mundo convive com conflitos e tensões. Por isso, o estudo da Geografia possibilita, aos alunos, a compreensão de sua posição no conjunto das relações da sociedade com a natureza, como e por que suas ações, individuais ou coletivas, têm conseqüências tanto para si como para a humanidade.

A sociedade contemporânea tem passado por expressivas transformações de caráter social, político e econômico. Essas transformações originam-se nos pressupostos neoliberais e na globalização da economia que têm norteado as políticas governamentais.

Neste contexto, o ensino da Geografia vem passando, como toda educação, por diversas transformações decorrentes da introdução de novas tecnologias, as novas necessidades do mercado profissional e principalmente pelos problemas ambientais.

Nos dias atuais, a Geografia se preocupa pelo estudo do espaço organizado pela sociedade, tendo como principal enfoque, o entendimento da relação homem-natureza. Esse entendimento se realiza através da participação ativa dos alunos na percepção da realidade que o envolve. (TOMITA, 1999 p.13)

Segundo Alves (2006), “compreender nossa sociedade é essencial se quisermos contribuir conscientemente, para sua construção, de modo a deixar em evidência a

plenitude da natureza humana,” com este enfoque é que visualizamos a Geografia como uma ciência social que trabalha as inter-relações da sociedade e a natureza.

O verdadeiro papel da educação formal é motivo de ampla discussão na sociedade contemporânea. Urge empreender um esforço significativo para vencer as barreiras e entraves que inviabilizam a construção de curso que eduque de fato para o exercício pleno da cidadania e seja instrumento real de transformação social, espaço em que se aprenda a aprender, a conviver e a ser com e para os outros, contrapondo-se ao atual modelo gerador de desigualdades e exclusão social que impera na atualidade.

O curso de licenciatura em Geografia nos dias atuais tem como principal desafio preparar professores preocupados com os problemas da comunidade, com capacidade de desenvolver trabalhos em grupos, de interagir com a comunidade na busca de soluções, de criar métodos de trabalhos alternativos para o desenvolvimento de cidadãos com uma nova mentalidade onde o coletivo supere o individual.

Um direcionamento que esteja voltado ao desenvolvimento intelectual do graduando requer um método inovador que rompa com o tradicionalismo caracterizado pelo ensino baseado somente em livros, onde idéias inertes resultam uma aprendizagem sem significado e nada funcional.

A Geografia como leitura do mundo que vivemos é uma construção gradativa, que ocorre no meio estudantil, à medida que os alunos desenvolvem sua capacidade de observação, questionamentos sobre o que observam, descrevem, comparam, constroem explicações, representam e espacializam acontecimentos sociais e naturais de forma cada vez mais ampla, considerando dimensões de tempo e do espaço.

Por isso o ensino de Geografia não se restringe à exposição do professor, à leitura de textos, à memorização de conceitos ou às respostas de questionários. É algo muito mais complexo e desafiador. Envolve a compreensão de um modo de pensar e explicar o mundo, pautada em noções, conceitos, procedimentos e princípios através dos quais os fatos são estudados e contextualizados no tempo e no espaço.

E, para que os alunos tenham possibilidades de verificar a ação do homem, como agente transformador, na sociedade/comunidade e na natureza, e como agir para benefício da comunidade, estamos propondo uma série de atividades interdisciplinares de campo.

O trabalho de campo é um método didático conhecido e ao mesmo tempo um precioso recurso para a ação pedagógica, particularmente em disciplinas como

geografia, história e biologia. Além dessa designação, ele também recebe outras denominações como: estudo do meio, visita a campo, aula a campo etc.

Portanto, o estudo do lugar no trabalho de campo deve ser resgatado nos projetos político-pedagógicos das escolas. Em muitas situações o aluno mora em determinada localidade e nunca foi convidado, instigado a pensar sobre a dinâmica e o papel dessa localidade como inserida em um contexto mais amplo da sociedade em questão.

Essas atividades complementares estão previstas fora de sala, como trabalhos de campo *in loco* conforme os temas abordados nas diferentes áreas da ciência geográfica. As atividades desenvolvidas devem conduzir os assuntos abordados em sala e devem também, facilitar as aplicações dos conhecimentos e metodologias adquiridas durante as aulas.

Contextualizando, o objetivo deste trabalho é apresentar reflexões acerca de uma experiência desenvolvida no Curso de Geografia da FAFIJAN que envolveu a prática de trabalho de campo, atendendo as diferentes disciplinas envolvidas no curso em uma visão/ação multidisciplinar.

A denominação dessa proposta adotada aqui, intitula-se “Trabalho de campo no entorno”, o qual contempla a cada ano letivo objetos de estudo *in loco* em variados segmentos do espaço geográfico da região onde está sediada a faculdade, objetivando compreender o desenvolvimento da sociedade como processo de ocupação de espaços físicos e as relações da vida humana com a paisagem, em seus desdobramentos político-sociais, culturais, econômicos e humanos.

Essas expedições, ou seja, trabalhos de campo, reforçam a condição de que é possível trabalhar a geografia do/no cotidiano, uma vez que ele comprova que a teoria sem a prática apresenta possíveis lacunas no aprendizado dessa ciência. Na verdade quando se trabalha apenas dentro da sala de aula, esconde-se uma grande teia constituída de informações que se inter-relacionam, de maneira que uma depende diretamente da outra para existir.

É nesta complementação da parte teórico-metodológica, que a teoria se associa à prática, dando ao aluno a oportunidade de observar e interpretar no meio o que foi desenvolvido em sala de aula. O estudante é um pensador, um indagador, um descobridor; por isso deve-se dar a ele a oportunidade de inovar, perguntar e descobrir, tornando-o um indivíduo entusiasmado e curioso acerca do mundo em que vive.

A observação é uma atividade seletiva, pois depende de requisitos do observador. A seleção de elementos observados, por exemplo, é feita com base em instrumentos conceituais e na sensibilidade de quem observa. Trata-se de uma habilidade que pode ser desenvolvida na escola, e particularmente na Geografia, que tem nas formas espaciais (paisagem) um primeiro nível de análise do próprio espaço. (CAVALCANTI, 2002, p. 82).

Neste contexto, as atividades interdisciplinares foram desenvolvidas através da articulação da teoria com a prática, em forma de trabalhos de campo, elaboração e execução de atividades de pesquisa, tanto no direcionamento educacional como no geográfico, devendo sempre garantir a contextualização e a interdisciplinaridade, que são características fundamentais para a formação do cidadão crítico, com competências de professores de geografia, do terceiro milênio.

As atividades programadas deram atendimento ao previsto nas DCNs (Diretrizes Curriculares Nacionais – 1999), que diz que “a prática de ensino ocorrerá no interior das disciplinas, que todas as disciplinas têm sua dimensão prática que deve estar sendo permanentemente trabalhada tanto na perspectiva da sua aplicação no mundo social e natural, quanto na perspectiva da sua didática.” Nesta prática pedagógica vislumbrou-se um percentual da carga horária que cada disciplina contempla na grade do curso.

Buscou-se com essa proposta, conhecer a organização do espaço geográfico e o funcionamento da natureza em suas múltiplas relações, de modo a compreender o papel das sociedades em sua construção e na produção do território, da paisagem e do lugar, especificamente resgatando características do entorno à realidade dos discentes.

Acredita-se assim que ultrapassamos a dicotomia entre a Geografia Física e Geografia Humana, além de possibilitar aos alunos em formação a construção de conhecimentos e experiências essenciais à sua atuação como professores, dando-lhes liberdade de criar, de ousar, de inovar que são imprescindíveis para a expansão da indústria cultural e fundamental para a geração de lucros na sociedade moderna.

O projeto procura estimular a interdisciplinaridade o que propicia o envolvimento de todos os professores e alunos(as).

Significativo evidenciar que a prática docente, ao adotar a interdisciplinaridade como metodologia no desenvolvimento do currículo, não abandona as disciplinas nem supõe para o professor uma diversificação especializada, o que poderia tornar-se descabido e incorrendo no risco do sincretismo e da superficialidade. Para maior

consciência da realidade, para que os fenômenos complexos sejam observados, vistos, entendidos e descritos torna-se cada vez mais importante a confrontação de olhares múltiplos na observação da situação de aprendizagem. Daí a necessidade de um trabalho de equipe realmente interdisciplinar.

Desta forma, pretende-se então, a partir de uma linha pedagógica construtivista, valorizar os conhecimentos prévios do aluno, reelaborar e reestruturar estes conhecimentos através do desenvolvimento da prática pedagógica fora da sala de aula, através do método “aprender a aprender e apreender”, onde o graduando se torne o personagem principal do processo ensino-aprendizagem. Assim, o encaminhamento metodológico dos conteúdos deverá ser de forma centrada, sob orientação e condução do professor, entendendo este como facilitador da aprendizagem e não, meramente um repassador de informações.

Este trabalho acontece em datas agendadas para os sábados no início de cada ano letivo. Os docentes do colegiado definem em reunião da Câmara de Colegiado os objetos a serem alvo da prática e em acompanhamento aos alunos nas datas previstas, desenvolvendo o trabalho idealizado, claro com sucessos e também frustrações até porque como tudo que é planejado, pode sofrer influências do meio que nem sempre podem ser previstas.

Para desenvolver o trabalho de campo do entorno, foram cumpridas as seguintes atividades:

1. Tour de estudos em Jandaia do Sul – a visita foi iniciada na pedreira municipal (Foto 01) onde os acadêmicos puderam observar as condições ambientais locais, identificar e coletar amostras de rochas e verificar os horizontes do solo. A seguir, uma passagem pela voçoroca da Vila Rica com o trabalho de recuperação. Para verificar a atuação dos ventos, nada melhor do que a antiga estação ferroviária donde é possível ver a morfologia da região. Existe projeto de revitalização do local que hoje é ocupado por famílias desabrigadas, mas depende da ALL – América Latina Logística. O Rio Marumbi que é a fonte de abastecimento da cidade de Jandaia do Sul, foi a próxima parada. Conhecer um aterro sanitário para verificar o processo erosivo, a poluição e os projetos de recuperação foram os objetivos para nossa visita à nascente do Rio Cambará. E, por fim verificar uma área de lazer num processo de recuperação ambiental, serviu de pano de fundo para a visita à Chácara do Professor Geremias.

FOTO 01 – Pedreira Municipal Desativada – Jandaia do Sul (PR)



Fonte: In loco.

Org. HIERA, 2007

2. A visita à cidade de Maringá foi iniciada no Parque do Ingá onde os alunos puderam observar várias espécies de animais e plantas e conhecer o lago que se formou no local de onde foram retirados materiais para a antiga olaria, nos primórdios de sua colonização (Foto 02). Maringá é reflexo de um planejamento urbano de referencia nacional. Uma visita a um shopping center para observar o perfil de comércio bem como dos seus freqüentadores e assim assimilar as características de um templo de consumo. A estada no novo centro, totalmente revitalizado, tornou possível abordar questões sobre a estrada de ferro que tornou-se subterrânea, a rápida verticalização com a construção de prédios residenciais e comerciais, a Catedral Nossa Senhora da Glória, que é o monumento mais alto da América Latina. Para conhecer a arborização da cidade mais verde do Brasil, uma visita aos vários bairros de Maringá, aproveitando para identificar as diferentes formas de ocupação do solo urbano.

Foto 02 – Lago do Parque do Ingá – Maringá (PR)



Fonte: In loco.

Org. HIERA, 2007

3. A visita à Vale do Ivaí Açúcar e Álcool S/A, localizada em São Pedro do Ivaí, foi prejudicada pelas fortes e intensas chuvas que caíram na região durante os dias que a procederam. Mesmo assim, estivemos na Usina, conhecemos todo o processo de produção de álcool e açúcar (Foto 03) bem como a reserva ecológica através de vídeos explicativos e dos técnicos que responderam a todos os questionamentos. A visita à Usina foi feita em ônibus com paradas estratégicas. O município de São Pedro do Ivaí se beneficia com a presença a Vale do Ivaí Açúcar e Álcool não só na arrecadação do ICMS e ICMS ecológico e gerando empregos à população como também promovendo eventos sociais com o envolvimento de toda a comunidade. Diversos projetos visam o bem-estar da população como o Centro de Aprendizagem e Inclusão Social, a Brinquedoteca e a Inclusão Digital.

Foto 03 – Parte do processo produtivo da Vale do Ivaí Açúcar e Álcool S/A



Fonte: In loco.

Org. HIERA, 2007

4. Conhecer os Parques Ecológicos das Araucárias, da Raposa e da Colônia Mineira foi o objetivo da visita à Apucarana. Nestes locais que são unidades de conservação, os alunos puderam observar o que restou das Florestas Estacional Decidual e Ombrófila Mista e como a administração municipal trabalha para sua recuperação e conservação. Andando pelas trilhas, foi possível observar perobas, araucárias, gुरुcaias e outras que servem de abrigo para várias espécies de aves, macacos, capivaras, etc. O Parque Ecológico da Raposa, que é a principal área de preservação municipal, possui vários atrativos, sendo destaque a criação de carpas que podem ser vistos e alimentados pelos visitantes. Na Colônia Mineira, os alunos puderam participar do plantio de mudas nativas (Foto 04) para repor a vegetação devastada por um incêndio e conhecer a biblioteca ambiental “Sala Verde” e visitar uma área preservada de menor impacto antrópico que as demais. A revitalização da Praça Rui Barbosa (Central) e do Parque Santo Expedito foram detalhadas por um técnico da

prefeitura. Para encerrar o dia, uma passagem ao Horto Florestal, revitalizado através do projeto “Vida Silvestre com Qualidade”, que abriga um mini-zoológico com várias espécies de aves, macacos e tartarugas.

Foto 04 – Plantio de árvores na Colônia Mineira em Apucarana (PR)



Fonte: In loco.

Org. HIERA, 2007

5. Café da manhã com os internos do Asilo São Vicente de Paulo, em Jandaia do Sul foi o próximo programa. Os alunos puderam conversar com os “velhinhos” para conhecer sua história de vida, suas angústias e esperanças, levando a alegria contagiante peculiar dos jovens. Em seguida, estivemos na Jamel para conhecer as funções de uma indústria de bebidas, verificar o processo de fabricação e o grau de importância desta indústria para o município. Para estabelecer uma comparação, dirigimo-nos ao alambique do Senhor Pedro Zan para conhecer o processo artesanal do fabrico da pinga, seu comércio e história.

6. Por fim, estivemos no Rio Cambira, na divisa dos municípios de Apucarana e Cambira, para estudar a vazão do rio e conhecer a disjunção colunar em prismas hexagonais do basalto. Esse local faz parte do roteiro dos “Caminhos da Fé” idealizado pela Secretaria de Turismo e Meio Ambiente da Prefeitura de Apucarana, em virtude de que essas estruturas são raras no planeta e merecem ser vistas pelos visitantes e pela população em geral. Para verificar a morfologia da região, foi elaborado o perfil topográfico, quando, também, foram observados a cobertura vegetal (foto 06) e o aproveitamento do solo, a famosa terra-roxa, de grande fertilidade.

Foto 05 – Medições para a elaboração do Perfil topográfico (Pr)



Fonte: In loco.

Org. HIERA, 2007

É preciso estar totalmente comprometido e imbuído de um senso de MISSÃO para pensar esta proposta no sentido de que a mesma trabalhe com o intuito de atingir esse desenvolvimento integral almejado e expresso como uma das formas para a construção do conhecimento. O comprometimento de cada docente torna possível a

efetivação do objetivo enunciado como proposta de ensino não necessariamente inovadora mas que cumpre um papel importantíssimo diante das mudanças constantes que estamos vivenciando na atualidade.

Nesse contexto de mudanças, surgem novos papéis e compromissos: o aprimoramento humano precisa ser não só planejado e implementado, como também, e principalmente, avaliado e orientado para determinados objetivos comuns.

Neste sentido, sabe-se que a avaliação é parte integrante do processo de formação, uma vez que possibilita diagnosticar lacunas a serem superadas, aferir resultados alcançados considerando os objetivos propostos e identificar mudanças de percurso eventualmente necessárias.

A conclusão da proposta se dá com a elaboração por parte dos alunos de um portfólio que visa à retratação e análise, associando a teoria à prática do objeto analisado em questão.

Para a avaliação considera-se a participação dos alunos na proposta e também a análise do trabalho elaborado, revertendo em porcentagem da nota em cada disciplina.

Referencias Bibliográficas:

ALVES, Glória da Anunciação. Cidade, Cotidiano e TV In: CARLOS, Ana Fani A.. (ORG) A Geografia Na sala de Aula. 5ª Ed. São Paulo: Contexto, 2003.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Ed. Alternativa. 2002. p.127

TOMITA, Luzia M. Saito. Trabalho de campo como instrumento de ensino em Geografia *In: GEOGRAFIA*. Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina. – Vol. 8, nº 1. Londrina: Ed.Uel, 1999.